

Novos ventos de 2022: o retorno à vida presencial e a esperança de transformação

Editorial

Beatriz Gasques Favilla
Guilherme Oliveira Souza
DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v11i1p8-21

2022 é, sem dúvidas, um ano que entrará na memória daqueles que o viveram. De certa forma, “esperança” e “renovação” são duas palavras que todos proferiram em algum momento. O que será agora? O mundo voltará ao que era antes ou se fará algo novo?

Em 1919, a euforia explodiu nas ruas brasileiras naquele que foi considerado o maior carnaval da história, no pós-gripe espanhola. Era o apogeu da felicidade de um mundo que se reergueu após o fim de uma sangrenta guerra mundial e que fora acometido por um vírus que matou milhões de pessoas. Era uma sociedade que precisou ficar reclusa, que teve que aprender novos hábitos de higiene e que temia diariamente pela própria vida, reivindicando o direito de ocupar as ruas e celebrar a existência.

Um século depois, o mundo se viu atônito novamente diante da instalação de uma nova pandemia: a de covid-19. Após dois difíceis anos de isolamento social e de perdas irreparáveis, algo espera a todos nesta sociedade que precisa reaprender a

Novos ventos de 2022: o retorno à vida presencial e a esperança de transformação conviver. As crianças voltaram para as escolas, os trabalhadores, para os postos de trabalho e os universitários, para a academia. É dentro desse cenário que a Universidade de São Paulo decreta retorno ao modelo presencial para o dia 14/03/2022, sob uma série de debates. Com a melhora dos indicadores de contágio e morte, o atual cenário permitiria a volta às salas de aula, aos gramados, às bibliotecas e ao contato com os colegas.

É o momento das conversas informais voltarem aos corredores - principalmente em um ano de eleição. 2022 não representa somente o retorno a uma vida antiga ou a construção de um novo estilo de viver, mas a tomada de decisão sobre os rumos do país. É chegado o momento de fazer escolhas, de cobrar os que se acovardaram frente às difíceis decisões a serem tomadas e que escolheram a omissão como ação principal. É chegada a hora de eleger o modelo político que o país quer ter nos próximos anos e como pretende lidar com questões urgentes agravadas pela pandemia, tais como a alta do desemprego, o retorno do Brasil ao Mapa da Fome¹, o recrudescimento da crise econômica, entre outros diversos pontos.

Não só o corpo volta a ocupar os espaços compartilhados, mas também a ciência. São notórias as tentativas de desmonte dos institutos de pesquisa e a falta de investimentos que a produção científica vem sofrendo nos últimos anos. Em um país que fortemente restabelece seus laços agrários, assistimos uma sucessão de ataques ao conhecimento. Produzir ciência, nesse contexto, tem sido nadar contra a maré. A

¹ PETROPOULEAS, Suzana. Volta do Brasil ao Mapa da Fome é retrocesso inédito no mundo, diz economista. Folha de São Paulo. 23 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/volta-do-brasil-ao-mapa-da-fome-e-retrocesso-inedito-no-mundo-diz-economista.shtml>

Beatriz Favilla e Guilherme Oliveira

produção de conhecimento se mostra gravemente ameaçada e os investimentos cada vez mais escassos, como mostra o jornalista João Vitor Pizana:

Cortes de verbas nas áreas de ciência e tecnologia não são uma novidade e vêm sendo realizados frequentemente desde 2014. Segundo levantamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, o ano que o MCTI teve o maior orçamento foi 2013, quando contava com cerca de R\$ 11,6 bilhões, em valores corrigidos pela inflação. O orçamento foi reduzido para R\$ 10,6 bilhões em 2014 e continuou sofrendo cortes nos anos subsequentes até atingir o menor patamar em 2021, com R\$ 1,9 bilhão em caixa, o que equivale a apenas 17% do orçamento de 2013.

O Brasil vem contrariando a tendência global de aumento nos investimentos em ciência, que foram impulsionados pela pandemia de covid-19, embora já estivesse em crescimento vertiginoso nos últimos anos. De acordo com o mais recente Relatório de Ciência da UNESCO, lançado em junho de 2021, os gastos com ciência em todo o mundo aumentaram 19% entre 2014 e 2018. A média mundial de investimentos em pesquisa científica era cerca de 1,8% do PIB em 2018, enquanto o Brasil investia apenas 1,3% da parcela do PIB nacional.²

Entretanto, se os usurpadores da ciência pretendiam declarar seu fim, a pandemia mostrou que só a partir dela é possível superar desafios até então intransponíveis. Não foi com “histórico de atleta” que uma das mais importantes descobertas do século XXI - a vacina para a Covid-19 - foi realizada, mas com o árduo trabalho de incansáveis cientistas por todo o globo.

Mas qual o papel das Ciências Humanas dentro deste tumulto técnico-biológico? Por que se continuar produzindo esse tipo de conhecimento? A resposta deve ser contundente: porque é preciso garantir a prevalência dos Direitos Humanos, denunciar os absurdos que nos rodeiam e lutar contra os que tentam tirar todo e qualquer direito

² PIZANA, João Vitor. Crise na Ciência Brasileira: área sofre com cortes sistemáticos de verbas nos últimos anos. Periódicos UEPG: 13 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://periodico.sites.uepg.br/index.php/educacao/2539- crise-na-ciencia-brasileira-area-sofre-com-cortes-sistematicos-de-verbas-nos-ultimos-anos>

Novos ventos de 2022: o retorno à vida presencial e a esperança de transformação conquistado. Quando questionadas sobre qual é o papel das Ciências Humanas na pandemia de Covid-19, a doutora Monique Soares Vieira e Simone Barros de Oliveira foram pragmáticas em suas respostas:

O que pretendemos dizer com isso, é que as ciências sociais e humanas irão atuar na particularidade das experiências humanas, ou seja, dará rosto, biografia e vivências aos números estatísticos. Irá construir levantamentos e mapas sociodemográficos, trazendo as características das populações, como vivem, quais são seus hábitos, como se organizam no cotidiano, quais condições sociais e econômicas, possuem para enfrentar a pandemia, se tem acesso aos serviços públicos e itens essenciais de cuidado. Questionamentos que são essenciais para o Estado Brasileiro planejar medidas emergenciais de apoio a sua população.

Então, é possível sim, afirmarmos que as ciências sociais e humanas possuem uma contribuição imprescindível em momentos de crises sanitárias, pois a cada história revelada, a cada voz que não é silenciada e a cada vida valorizada, novas possibilidades de sociabilidade e de democratização de direitos poderá ser construída na perspectiva de garantir uma vida mais digna à população.³

É preciso, portanto, garantir a vitória da democracia, da diversidade e da existência digna. As Ciências Humanas resistiram aos mais sombrios tempos - e resistirão também a este, marcado por uma onda de ataques aos direitos universais. Chico Buarque de Holanda prometera que amanhã vai ser outro dia e essa é precisamente a promessa de 2022.

Nesse contexto de retorno às atividades presenciais e de expectativas de transformação social, a Revista Epígrafe continuou a realizar seu trabalho de compartilhar fiel e rigorosamente o conhecimento científico. A nossa edição de número 11 foi produzida ainda de modo remoto, respeitando o distanciamento social imposto

³VIEIRA, Monique Soares. OLIVEIRA, Simone Barros de. Quais as contribuições das ciências sociais e humanas em contextos de pandemia? Universidade Federal do Pampa: 2020. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cienciashumanas/files/2020/04/quais-as-contribuicoes-das-ciencias-sociais-e-humanas-em-contexto-de-pandemia-monique-vieira-e-simone-barros.pdf>.

Beatriz Favilla e Guilherme Oliveira

pela pandemia de COVID 19 e as restrições às atividades no campus da Universidade de São Paulo. No entanto, em meio à elaboração desta edição, acompanhamos longos debates sobre a retomada das atividades e recebemos a notícia sobre o tão esperado retorno ao espaço da universidade, com docentes, discentes e funcionários devidamente imunizados e mantendo-se o uso de máscaras e outros protocolos de segurança.

Sabemos que a pandemia está longe do fim e que, como coletivo, devemos continuar a fazer todos os esforços possíveis para preservar a vida e saúde daqueles que nos cercam. Também é nossa responsabilidade não deixar que o absurdo número de mortes por COVID 19 e a negligência do Estado em relação à crise sanitária caiam no esquecimento. Por outro lado, observar o movimento dos alunos que tornam a circular pelo prédio de História e Geografia e por outros espaços do campus nos enche de esperança em dias melhores para o ensino e para a pesquisa nacionais.

Para além da retomada das aulas no campus da USP e de outras universidades, o gradativo retorno à vida presencial significa também novas possibilidades para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica. As atividades de pesquisadores e pesquisadoras em todo o mundo foram grandemente afetadas pela pandemia. Em primeiro lugar, arquivos, museus e bibliotecas foram temporariamente fechados, o que configurou um grande obstáculo para a elaboração de trabalhos devido à limitação de acesso a acervos e documentos, fundamentais para o ofício do historiador. Além disso, o intercâmbio entre universidades e pesquisadores também foi prejudicado devido à impossibilidade de se viajar para realizar pesquisa em acervos de instituições internacionais e para comparecer a eventos como congressos e seminários.

Novos ventos de 2022: o retorno à vida presencial e a esperança de transformação

Os esforços para contornar tais obstáculos foram significativos e, sem dúvida, impactarão definitivamente as políticas em relação aos acervos e também as formas de se fazer pesquisa. Desde o início do período de isolamento social, assistimos o empenho de museus, arquivos e bibliotecas em disponibilizar seus acervos de forma digital ou fornecer acesso gratuito a eles. Vimos também uma grande quantidade de eventos *online* como palestras, entrevistas e seminários, que de fato foram muito importantes não apenas para manter as atividades de divulgação da pesquisa acadêmica, mas também para conectar pesquisadores e públicos de diferentes lugares do Brasil e do mundo. Ainda assim, a perspectiva de reabertura dessas instituições é fundamental para a superação das dificuldades impostas pela pandemia ao trabalho dos pesquisadores.

A pesquisa em acervos e a mobilidade internacional foram temas bastante explorados pela entrevistada desta edição, a Profa. Dra. Ynaê Lopes dos Santos. Durante a entrevista, ela destacou a importância dos períodos que passou na Espanha e em Cuba, como parte de sua pesquisa de doutorado sobre escravidão e espaço urbano em duas cidades americanas: o Rio de Janeiro e Havana. Em um momento político mais favorável, de maiores investimentos nas universidades públicas e na pesquisa, historiadores e outros pesquisadores brasileiros tiveram a oportunidade de desenvolver parte de seus estudos em instituições estrangeiras, e assim conhecer novos arquivos, novos documentos e estabelecer contatos com outros investigadores, experiências que impactaram sobremedida a qualidade e o alcance dos trabalhos produzidos.

Beatriz Favilla e Guilherme Oliveira

O vislumbre de um fim para a pandemia, assim como a expectativa de uma transformação política significativa a partir de 2023, nos dão esperança de que a educação e a pesquisa científica sejam mais valorizadas e que, além das restrições temporárias de acesso a fontes e bibliografia, possamos superar também a cruzada contra o conhecimento científico, que hoje nos assombra. Esperamos que o trabalho daqueles que se dedicam à produção de conhecimento embasado e crítico sobre a sociedade em que vivemos seja reconhecido e que docentes, discentes e pesquisadores possam desenvolver suas atividades em condições dignas, com amplo acesso às ferramentas necessárias e em ambientes de diálogo entre pares e com a comunidade. Sabemos que os desafios continuarão e que serão muitos. Seja no decorrer deste ano ou nos próximos, será preciso continuar firmes e atentos para que o fazer científico seja respeitado e incentivado.

Mas, o que nos aguarda? Agora, as bibliotecas voltaram a receber estudantes, as universidades voltaram a abrir suas portas e as políticas de permanência continuam sendo debatidas. Se Drummond se questionava sobre o que fazer quando a festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu e a noite esfriou, todos se questionam o que fazer agora que a festa voltou, a luz acendeu novamente, o povo está ainda mais ardente nos debates públicos e as urgências são ainda mais urgentes.

O futuro é incerto, como só ele pode ser, e o presente nos coloca uma série de desafios: novo aumento de casos de Covid-19, agravamento de crises, mudanças climáticas, desmonte da educação pública, apagamento da base de dados do CNPq etc. - mas há esperança de dias e condições melhores. Afinal, *amanhã há sempre de ser outro dia*.

Novos ventos de 2022: o retorno à vida presencial e a esperança de transformação

Esta edição conta com vinte e três trabalhos produzidos por graduandos e recém graduados, assim como a referida entrevista com a historiadora Ynaê Lopes dos Santos. O artigo “A Bela e a Fera: representações coloniais de gênero em três versões do conto” analisa três versões de uma história amplamente difundida em todo o mundo, demonstrando como o conto de fadas operou na construção e reprodução de noções coloniais, binárias e hierárquicas de gênero.

O segundo trabalho desta edição também se debruça sobre uma famosa narrativa. Em “A lenda do Eldorado: Transformações do mito doradista na cartografia da América do Sul (séculos XVI-XIX)”, o autor analisa uma série de mapas da América do Sul produzidos entre os séculos XVI e XIX e que representam Eldorado, apontando as remodelações da lenda ao longo desse período. Defende-se que Eldorado não foi apagado do imaginário europeu com o desenvolvimento do empirismo e do cientificismo, mas ganhou novas explicações que foram retratadas nos mapas.

O artigo “A muralha e a tempestade: uma análise do Hino Nacional da República Popular da China” investiga aspectos verbais e musicais da canção “Marcha dos Voluntários”, que se tornaria hino do país, procurando compreender sua importância para a consolidação de um nacionalismo chinês no século XX e sua relação com a identidade nacional chinesa no presente.

Em seguida, o trabalho “A Santa Casa de Misericórdia do Maranhão e a concessão de dotes às moças órfãs e pobres no século XIX” examina o acolhimento de mulheres órfãs e pobres pela referida instituição, com especial atenção à concessão de dotes, utilizando como fontes jornais do século XIX. A autora demonstra que, nesse

período, essas mulheres estavam à mercê do casamento ou do trabalho, sendo a busca pelo dote um fator determinante para sua própria sobrevivência.

O trabalho seguinte, “A trajetória de Adélia Sampaio no cinema brasileiro (1984-2017): críticas à sociedade conservadora”, se debruça sobre duas obras da cineasta Adélia Sampaio: *Amor Maldito* (1984) e *O mundo de dentro* (2017), marcadas pela crítica à moral da sociedade brasileira e pelo pessimismo. A autora utiliza os filmes como fontes para compreender o cinema brasileiro do período a partir da trajetória de Sampaio.

O artigo “As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos* (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)” investiga as imagens de reis presentes no referido manuscrito, uma cópia do século XIV do código de leis visigodo *Liber Iudiciorum*, compilado no século VII. Busca-se compreender os sentidos e funções dessas imagens no documento: o autor defende que sua função ornamental contribui para legitimar o discurso de justiça e poder da obra.

Na sequência, o trabalho “As políticas culturais no Chile: Os percursos particulares entre o governo da Unidade Popular e a patrimonialização da memória pós ditadura militar” discute sobre as políticas culturais em dois momentos da história chilena: o governo Allende (1970 a 1973) e a reabertura democrática após a ditadura Pinochet. As autoras buscam compreender os projetos de instituições museológicas como o Museu da Solidariedade e o Museo de la Memoria y de los Derechos Humanos, relacionando-os às contribuições da Nova Museologia.

O artigo “Cinema, memória e neoliberalismo: a representação da Argentina contemporânea no filme *Los Muertos* (2004)” reflete sobre a relação entre o filme de Lisandro Alonso e o processo de construção de uma memória coletiva sobre a crise

Novos ventos de 2022: o retorno à vida presencial e a esperança de transformação econômica decorrente das medidas neoliberais implantadas pelo governo Menem (1989 a 1999). O autor discute a renovação cinematográfica constituída pelo Novo Cinema Argentino, que teve como uma de suas principais características a representação das consequências sociais do neoliberalismo.

O trabalho “De Krause a Magalhães: trajetórias na Prefeitura da Cidade do Recife (1979-2000)” investiga a trajetória de figuras políticas que ocuparam a prefeitura de Recife durante o período de redemocratização do Brasil. Segundo o autor, as transformações geradas nesse contexto, tais como o retorno ao pluripartidarismo e a ampliação do processo eleitoral, impactaram o cenário político também no nível municipal, trazendo novas possibilidades de composições político-partidárias nas disputas pela prefeitura da cidade.

Na sequência, o artigo “Dostoiévski na Crise dos Naturalismos: uma análise crítica de O Duplo” parte do exame da obra *O Duplo* (1846) para pensar problemáticas presentes na Europa entre o final do século XIX e o início do século XX, como a crise dos naturalismos e a emergência da consciência do sujeito. O autor investiga como esses temas se desenvolveram no contexto russo e como foram representadas por Dostoiévski.

Em “‘Educar é Higienizar’: as diretrizes do Ensino da Higiene nas escolas normais paulistas e o papel do professor no livro de *Biologia Educacional*”, a autora analisa o livro *Biologia Educacional: noções fundamentais* (1969), de Antônio de Almeida Júnior, utilizada como material didático nas Escolas Normais paulistas. Pretende-se discutir sobre as diretrizes de Educação Higiênica presentes no livro e sobre o papel atribuído

Beatriz Favilla e Guilherme Oliveira

à professora primária na veiculação dos ideais de higiene, em uma perspectiva de disciplinamento das condutas e corpos que serviria à transformação econômica e social e ao saneamento dos problemas do país.

O artigo “Ensino remoto e seu impacto na Educação: Um olhar sobre a disciplina de História” busca analisar o ensino de História de maneira remota, durante o isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 e o impacto nos estudantes, assim como propor uma reflexão sobre como o ensino da disciplina foi impactado pelas novas ferramentas e metodologias surgidas e/ou criadas neste período.

Em sequência, o trabalho “Esquecer o passado, pacificar a nação: os sentidos da anistia na Folha de S. Paulo e no Jornal do Brasil (1978-1979)” se destina, por meio da história comparada, a estudar os editoriais da Folha de São Paulo e do Jornal do Brasil durante os anos de 1978 e 1979 e os argumentos acerca da anistia, compreendendo a empresa como agente ativa na história.

Posteriormente, “Imbangala: a forma Kilombo de existir” é um artigo que se propõe a estudar as instituições dos grupos Imbangala, tendo como foco central o Kilombo, e a interação dos indivíduos com o meio, em um processo de construção e reprodução de um mundo próprio. Já “LEKSIKON YU MITOLOGIJE: memória e nostalgia nos territórios da antiga Iugoslávia” é um trabalho dedicado a compreender as imagens compartilhadas por povos situados nesse antigo território, que constroem uma memória coletiva. Esta permite não só analisar o passado mistificado, mas instrumentalizar ferramentas para compreensão de contradições atualmente presentes.

Seguido a este, “O Ensino de História no Liceu Provincial da Bahia (1836-1890)” é um artigo que busca colaborar com a historiografia acerca da disciplinarização da

Novos ventos de 2022: o retorno à vida presencial e a esperança de transformação

História na Bahia - e, em consequência, contribui com a compreensão deste processo em âmbito nacional - tendo como campo empírico o Liceu Provincial, em uma ampla análise documental. Posterior a ele, o artigo “Raymond Williams: sobre o materialismo cultural no processo histórico” aborda a obra deste importante materialista histórico, o qual sua contribuição à historiografia é revolucionária e atemporal. O leitor poderá conhecer, de maneira didática, os principais aspectos de suas obras e como esse impactou profundamente o marxismo e a historiografia geral com sua abordagem cultural.

É seguido por uma importante contribuição à historiografia sobre a modernização de São Paulo, o artigo “Sons, Sonoridades e Músicas nas Casa e Quintais Paulistanos”, que busca compreender como os sons relacionados a vida doméstica paulistana participaram deste processo, tendo entre os anos de 1890 e 1920 seu recorte temporal.

Finalizando a seção de artigos, o trabalho “Thomas Paine e a independência das 13 colônias: uma análise de Common Sense”, busca lançar um olhar para o Common Sense e sua importância para a independência das 13 colônias, assim como traçar considerações para o não reconhecimento de Thomas Paine como um dos principais agentes deste processo, como os que foram intitulados de “Founding Father”.

Na seção das resenhas, esta edição conta com dois trabalhos. O primeiro, “A era extremada e o conhecimento histórico sintetizado: História contemporânea 2” se dedica à obra do historiador e professor titular da Universidade de São Paulo Marcos Napolitano. Seu livro é dedicado à análise de múltiplos fatores e à exposição de atritos

Beatriz Favilla e Guilherme Oliveira

ocorridos no século XX e primeira metade do século XXI. Já a segunda resenha, intitulada “Novas fontes históricas, novas agentes históricas: dinâmicas de gênero na comunidade mercantil de Luanda do século XIX”, se refere à obra da historiadora Vanessa S. Oliveira sobre História da África, a qual se debrança sobre o comércio, escravidão e abolição em Luanda, com especial destaque para o papel das mulheres luso-africanas.

Após as resenhas, encontram-se dois ensaios. O primeiro, “Arqueologia, História e Memória: um ensaio sobre a circularidade e as sobreposições destas três esferas da prática de relação com o passado”, propõe uma reflexão acerca da significância individual da História e da Arqueologia, ao mesmo tempo que estas atuam conjuntamente para a compreensão e construção das narrativas sobre o passado, tendo a memória como objeto de trabalho comum. Em sequência, “Notas sobre Roda Viva: 1968 - 2018”, analisa comparativamente as encenações deste musical, de autoria de Chico Buarque de Holanda, ocorridas em 1964 e 2018, uma estreada no ano do golpe civil-militar brasileiro e outra, sob o impacto do golpe parlamentarista de 2016, respectivamente.

Ao final da edição, os leitores encontrarão uma entrevista com a Profa. Dra. Ynaê Lopes dos Santos. Mestre (2007) e doutora (2012) em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), ela atualmente é Professora Adjunta no Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), na área de História da América. Suas pesquisas se debruçam sobre a História da Escravidão e das Relações Étnico-Raciais no continente. Na entrevista, a historiadora fala sobre sua trajetória desde a escolha do curso de História até suas experiências de pesquisa.

Novos ventos de 2022: o retorno à vida presencial e a esperança de transformação

Desejamos a todas e todos uma boa leitura!

São Paulo, 15 de julho de 2022